

- m. 1917

PEQUENOS HOTÉIS

* * * Tese apresentada
ao 1.º Congresso Hoteleiro
por GUERRA MAIO

Redactor principal da «Revista de Turismo»





Pequenos hotéis

Há entre nós, infelizmente, uma larga tendência para a grandiosidade. A nossa maior preocupação é querer imitar o que de importante existe lá fora, ninguém dando o menor interesse às pequenas cousas, sem pensar que é de pequenos factores que se faz o grande progresso.

Se a par dos grandes hotéis, como seja o do Estoril em construção, o que representa um extraordinário rasgo de audácia, e o Vidago-Palace-Hotel, outra iniciativa também arrojada, não tivermos pequenos hotéis, pensões e até mesmo modestos restaurantes junto de pequenas localidades, não se poderá falar de turismo na nossa terra.

Os hotéis de luxo são o grande reclamo para turistas que exigem um conforto superior, mas como estes necessitam de viajar pelo país à procura de paisagens e monumentos, precisam encontrar nas pequenas localidades, onde vão jantar ou dormir, uns hotéis, modestos é claro, mas em que o asseio não brilhe pela ausência.

Em regra, esse viajante de luxo, fora dos grandes hotéis, satisfaz-se, quer seja num local de entroncamento de caminhos de ferro, ou em pequenas localidades de turismo, com uma cama macia, num quarto confortável, rigorosamente asseado.

E, pois, preciso que os pequenos hotéis já existentes junto dos caminhos de ferro, e outros que venham a construir-se, sejam dotados das comodidades necessárias para que o viajante se não enfade e não faça uma má propaganda de tudo o que viu e de tudo o que encontrou.

Pode a paisagem ser linda, pode o castelo que vai visitar ter em cada pedra uma página da história, que o mau estar do turista, proveniente do péssimo alojamento, jámais desaparecerá.

Temos uma infinidade de águas termais em exploração, qualquer delas com óptimas condições terapêuticas, e situadas em locais aprazíveis, que muito se recomendam ao viajante. Mas afora meia dúzia de maior concorrência, as outras não tem um hotel que se possa recomendar.

É fora de dúvida que as pequenas termas espalhadas por esse país, nunca poderão ombrear com o Vidago, com o Gerez, com Entre-os-Rios, e com outras de igual renome, mas nem por isso deixam de ter direito a uma razoável concorrência de viajantes, uns movidos pela curiosidade e outros pelos mil e um motivos que obrigam a passagem por lá.

Há cidades e vilas de pequena importância, mas que tem um castelo, um ponto de vista, um monumento, que convida o viajante a ir até lá ver e admirar, e ainda outras terras sem nenhum desses atractivos, mas que são situadas em lugares obrigatórios de passagem, e que se tiverem uns hotéis razoáveis terão aí, sem favor, um dos seus melhores factores de progresso.

Eu não vou exigir que se construam de novo, nessas localidades, hotéis nem restaurantes, porque receio que os organizadores duma empresa que se abalançasse a semear hotéis por esse país fora gastassem uma independência em papel e formalidades e nada conseguissem.

Bastará que os hoteleiros, já estabelecidos, melhorem as suas instalações e a sua mesa. Alguns conheço eu, que empregaram tam boa vontade em transformar os seus hotéis, que os tornaram capazes de receber uma clientela exigente.

Dêles citarei o Hotel Valenciano, em frente à estação de Valença do Minho, que pode ser tomado como modelo para os pequenos hotéis do nosso país, se bem que haja outros em iguais circunstâncias.

Parece-me, pois, a melhor forma de transformar e construir os hotéis e restaurantes em questão:

Hotéis de entroncamentos

Estes hotéis devem ter quartos estucados, sem relevos nas paredes nem no teto, vidraças de abrir para os lados (sendo as janelas baixas, não devem ter bandeiras). Portas e alizares lacados de branco. Camas de ferro pintado de branco, colchão de arame ou de palha de milho, mas muito macias. Almofadas, duas em cada cama, sendo para uma pessoa, e quatro para duas, todas rigorosamente de sumáuma.

As janelas não devem ter cortinas de qualidade alguma, apenas estores e estes laváveis. O resto do mobiliário do quarto deve ser leve e as cadeiras sem estôfo. O hotel deve ter mais uma pequena sala de leitura, casa de banho e *retrete* com autoclismo.

A sala de jantar não deve deitar para pátios ou edificios de mau aspecto; sendo impossível retirá-la destes sítios, devem as janelas ter vitrais ou vidros foscos para livrar os hóspedes duma vista desagradável.

As vidraças devem ter bandeiras de abrir para arejar a sala.

Nas paredes da sala de jantar e nos quartos não deve haver quadros nem cartões com vistas de qualquer espécie.

Hotéis termais

Se aqueles hotéis representam um grande papel na comodidade exigida pelos viajantes, e no desenvolvimento do turismo, dando aos seus exploradores uma larga remuneração, estes também tem parte importante no mesmo factor de progresso; por isso os seus proprietários devem empregar todo o cuidado na transformação, para que a clientela se multiplique e as termas se desenvolvessem, que nelas está uma das mais fortes receitas do país.

Os hotéis das termas de pequena importância, devem ser construídos próximo do edificio balnear, em sítio aprazível e com bons horizontes mas fora da vizinhança de tabernas e outros estabelecimentos de mau aspecto.

Os quartos devem ter todas janelas amplas, deitando para fora, estuque branco sem relevos, etc., como ficou dito para os hotéis de entroncamentos.

A sala de jantar, deve deitar para o jardim, e na falta dêste para os campos, nunca para pátios, ou para a estrada; as paredes devem ser pintadas duma cor clara, e não devem ter quadros, nem mesmo vistas, pintadas nas paredes, pois que não sendo de autor afamado o efeito é sempre detestável.

Apesar de estar o hotel numa estância balnear deve ter casa de banho, para que os hóspedes, não podendo por qualquer motivo ir ao balneário, não sejam privados do seu banho.

Pela mesma forma, havendo casino nas termas, o hotel deve ter uma pequena sala para reunião das senhoras.

Isto, é claro, é para os hotéis a construir, nos já cons-

truídos deve-se observar os mesmos preceitos, para a sua transformação, tornando-os de maneira que os hóspedes não tenham saúdes das suas casas.

Nos corredores não se deve conservar malas, nem qualquer outro objecto que dificulte a passagem.

Hotéis-restaurantes

São estes também de grande utilidade para os turistas que vão a uma terra visitar monumentos, que ali passam de automóvel, ou que por qualquer circunstância são obrigados a tomar refeições.

Nestes hotéis-restaurantes deve-se observar com principal cuidado o serviço de mesa e de refeições ligeiras, sendo em locais duma concorrência muito irregular devem ter de preferência, alimentos de maior conservação, como seja: fiambres, salames, conservas, doces de compota, bolos secos, vinhos engarrafados de várias procedências, etc.

Quanto a instalação deve ser observado o mesmo preceito dos hotéis já referidos, e além dos quartos, devem ter um *toilette* para homens e outro para senhoras, onde haja vários objectos para asseio dos viajantes. Isto é preferível ao quarto de dormir que é em regra oferecido ao hóspede para se escovar e lavar, e onde há apenas um espelho e um regador vazio.

Cantinas

Também não deixa de ser útil ao viajante, e remunerador ao seu proprietário, em locais de pequena concorrência as cantinas para venda de doces e onde se pode tomar chá, café, leite, refrescos, gasosas, etc.

É certo que tudo isto se encontra por esse país fora, mas em casas de mau aspecto e de concorrência um tanto duvidosa.

Nestes pequenos *bars* deve ser observado com todo o rigor os preceitos de hygiene.

É também indispensável, que tenham um pequeno *toilette* para que os passageiros possam lavar-se e as senhoras descansar.

Criados

É este um ponto essencial para o bom êxito da exploração dum hotel.

Não se pode exigir criados educados em escola própria, como lá fora, por não as termos, mas é preciso que quem actualmente desempenha esse lugar, se corrija dalguns defeitos que, quando outra coisa não façam de pior, dispõem mal o hóspede.

Em regra o nosso criado, e nomeadamente o oriundo da Galiza, só trata com o hóspede com um sorriso fingido nos lábios, a que dá mais atenção que ao que o freguês lhe recomenda.

Essa *bajolice* dá sempre para o hóspede um efeito contrário.

Para mim prefiro mil vezes a forma digna e altiva com que um soldado fala ao seu superior ao servilismo do criado do hotel.

Outra coisa que exaspera o hóspede é a negregada casaca, que o criado veste, em regra cheia de nódoas e lhe fica curta nas mangas, que se torna muitas vezes dum efeito repelente.

É preferível nestes pequenos hotéis, um fato preto, ou no verão a jaleca branca, à hedionda casaca.

O criado do hotel deve usar da maior atenção, e dili-

gência para com o hóspede, e deve sobretudo manter uma linha de dignidade nos seus actos.

Julgo já ter dito muito para a melhoria dos pequenos hotéis, e oxalá, as minhas palavras fôsem ouvidas, com o que certamente muito teriam a lucrar os hoteleiros, o turismo nacional, a mais pujante fonte de receita para a economia abalada da nossa terra.

São pois as conclusões que se seguem que eu tenho a honra de apresentar:

1.^a Em cada ponto de entroncamento de caminhos de ferro, ou povoação de cruzamento de estradas importantes, deve haver um pequeno hotel confortável e higiénico.

2.^a Nas termas, além dos grandes hotéis já existentes, deve haver outros modestos como os da conclusão 1.^a

3.^a Convém que em pontos de simples paragem os hotéis tenham um pequeno restaurante, *toilette*, ou uma pequena cantina, onde haja serviço de chá, lanches, doces e refrescos, etc.

4.^a Os criados devem ser educados para servir com esmero e correcção, preferindo o fato preto, ou no verão a jaleca branca, às casacas que lhes dão a aparência de *gatos pingados*.

Guerra Maio.

